

**A ESCOLA PRIMÁRIA NA PRIMEIRA REPÚBLICA: ORGANIZAÇÃO DO  
ENSINO EM UBERABA-MG**

**THE PRIMARY SCHOOL IN THE FIRST REPUBLIC: EDUCATION OR-  
GANIZATION IN UBERABA-MG**

**A ESCOLA PRIMÁRIA NA PRIMEIRA REPÚBLICA: ORGANIZAÇÃO  
DO ENSINO EM UBERABA-MG**

**THE PRIMARY SCHOOL IN THE FIRST REPUBLIC: EDUCATION OR-  
GANIZATION IN UBERABA-MG**

Rogéria Moreira Rezende Isobe<sup>1</sup>  
Valéria Moreira Rezende<sup>2</sup>  
Lorraine Gomes Rezende<sup>3</sup>  
Adriana Alves dos Santos Costa<sup>4</sup>

**RESUMO:** Este artigo investiga a organização da educação primária em Uberaba durante a Primeira República, analisando as políticas educacionais, a estrutura escolar e os desafios enfrentados nesse período. A pesquisa parte da problemática acerca das condições de implementação do ensino primário na cidade e busca compreender como o processo de escolarização se desenvolveu em um contexto de mudanças políticas e sociais. O estudo tem como objetivo examinar as estratégias adotadas pelo poder público para estruturar a educação primária, identificando seus avanços, limitações e impactos na sociedade local. Para isso, utiliza-se a metodologia de análise documental, com base em fontes primárias como relatórios de inspeção escolar, legislações educacionais e registros institucionais da época, além de estudos historiográficos sobre a educação no período republicano. Os resultados evidenciam que, apesar do ideal republicano de universalização do ensino, a educação primária em Uberaba enfrentava dificuldades estruturais, como a escassez de prédios escolares, a falta de materiais didáticos e a carência de professores qualificados. Essas limitações demonstram que a escolarização no período estava longe de ser

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação. Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Endereço: Rua Izaura Fuzaro Pereira, nº 67, Bairro Tancredo Neves. Uberaba-MG. CEP: 38066-532. Telefone: (34)98861-1703. Email: rogeria.isobe@uftm.edu.br

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Endereço: Avenida 31, nº 599 apto 2018, Centro, Ituiutaba -MG. CEP: 38300-104. Telefone: (34) 99681-3399. Email: valeria.rezende@ufu.br

<sup>3</sup> Graduada em Educação Física. Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Endereço: Avenida Sadalla Jorge, nº 648, Bairro Universitário, Ituiutaba -MG. CEP: 38302-224. Telefone: (34)98429-1738. Email: lorrainegrezende@gmail.com

<sup>4</sup> Graduada em Administração. Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Endereço: Rua 41, nº 108. Bairro Setor Sul, Ituiutaba -MG. CEP: 38300-016. Telefone: (34)99658-1978. Email: adrianainternet@gmail.com

plenamente acessível a toda a população, refletindo as desigualdades sociais e econômicas da época. Conclui-se que a organização da educação primária em Uberaba, embora tenha representado um avanço na institucionalização do ensino, ainda era marcada por desafios significativos, exigindo adaptações ao longo das décadas seguintes.

**PALAVRAS-CHAVE:** História da educação. Escola Primária. Inspeção Escolar.

**ABSTRACT:** This article investigates the organization of primary education in Uberaba during the First Republic, analyzing educational policies, school structure, and the challenges faced during this period. The research addresses the issue of the conditions for implementing primary education in the city and seeks to understand how the schooling process developed in a context of political and social changes. The study aims to examine the strategies adopted by the public authorities to structure primary education, identifying its advances, limitations, and impacts on local society. To this end, a documentary analysis methodology is employed, based on primary sources such as school inspection reports, educational legislation, and institutional records from the period, in addition to historiographical studies on education in the Republican era. The results show that, despite the Republican ideal of universalizing education, primary education in Uberaba faced structural difficulties, such as a shortage of school buildings, a lack of teaching materials, and a deficiency of qualified teachers. These limitations demonstrate that schooling during this period was far from being fully accessible to the entire population, reflecting the social and economic inequalities of the time. It is concluded that, although the organization of primary education in Uberaba represented an advancement in the institutionalization of education, it was still marked by significant challenges, requiring adaptations over the following decades.

**KEYWORDS:** History of Education. Primary School. School Inspection.

## Introdução

A implantação da escola primária graduada em Uberaba ocorreu no contexto da reforma educacional mineira de 1906, que transformou a estrutura do ensino ao instituir os grupos escolares como modelo de modernização da escola primária. Essa reforma buscava romper com as práticas tradicionais das escolas isoladas, consideradas pelos republicanos como símbolos do atraso pedagógico herdado do período imperial. Como parte desse processo, a criação dos grupos escolares passou a representar uma organização mais estruturada da educação, baseada na divisão de alunos por idade e nível de conhecimento, na formação de turmas seriadas, na definição de uma jornada escolar organizada e na adoção de espaços escolares planejados para essa nova modalidade de ensino (Souza, 1998; Faria Filho, 2000; Carvalho, 2003; Isobe, 2008).

O Grupo Escolar instalado em Uberaba nesse período, seguiu o modelo adotado em diversas cidades brasileiras e trouxe inovações para o ensino primário. Dentre as mudanças mais significativas, destacam-se a implementação de um currículo graduado, a introdução de horários fixos e atividades pedagógicas estruturadas, a criação da função de diretor escolar e a organização de um ambiente escolar com salas de aula múltiplas, permitindo um ensino simultâneo a diferentes turmas. Essas transformações não apenas redefiniram o funcionamento das escolas, mas também instauraram um conjunto de normas, práticas e condutas que passaram a caracterizar a cultura escolar republicana, cujos reflexos permanecem até os dias atuais.

Diante desse cenário, este artigo tem como objetivo analisar a organização da educação primária em Uberaba na Primeira República, investigando as mudanças promovidas pela introdução dos grupos escolares e suas implicações no ensino e na estrutura educacional. A pesquisa se baseia na análise de fontes documentais e historiográficas que permitem compreender como esse modelo foi implementado e quais desafios marcaram sua consolidação na cidade. A partir desse estudo, pretende-se contribuir para o entendimento da trajetória da educação primária no Brasil republicano e para a reflexão sobre os impactos dessas transformações na configuração do ensino público ao longo do século XX.

### **A constituição histórica da cultura escolar**

A cultura escolar é um conceito central para compreender a historicidade das práticas educativas, pois envolve um conjunto de normas, valores, rituais e formas de organização que estruturam a escola ao longo do tempo. De acordo com Julia (2001), a cultura escolar é formada por elementos que se consolidam no cotidiano das instituições de ensino, influenciando desde a maneira como o conhecimento é transmitido até os comportamentos esperados de professores e alunos. Na Primeira República, com a introdução dos grupos escolares, uma nova cultura escolar começou a se configurar no Brasil, marcando uma ruptura em relação ao modelo de ensino praticado durante o Império.

Com a criação dos grupos escolares, a escola primária passou a funcionar dentro de uma estrutura mais formalizada, organizada por séries e com divisão de responsabilidades entre professores e gestores. Essa nova forma de organização institucionalizou práticas como a separação dos alunos por idade e nível de aprendizagem, a normatização do currículo, a introdução de horários rígidos e a criação de regras disciplinares mais sistematizadas. Segundo Faria Filho et al (2004), essas mudanças não se limitaram à estrutura física

das escolas, mas também alteraram profundamente as práticas pedagógicas e a experiência dos sujeitos dentro do espaço escolar.

Além disso, a constituição da cultura escolar nesse período foi fortemente influenciada pelo ideário republicano, que enxergava a educação como um instrumento de modernização e progresso nacional. Os discursos pedagógicos da época enfatizavam a necessidade de uma escola eficiente, disciplinada e organizada, capaz de formar cidadãos produtivos e alinhados aos valores da nova ordem republicana. No entanto, como aponta Carvalho (2003; 2011), esse modelo idealizado de escola nem sempre correspondia à realidade concreta das instituições de ensino, que enfrentavam desafios estruturais e limitações na implementação dessas diretrizes.

A constituição histórica da cultura escolar, portanto, não se deu de forma homogênea ou linear. Como afirmam Magalhães (2001), a escola sempre foi um espaço de disputas e negociações, onde diferentes agentes – Estado, professores, alunos e comunidades – interagem e ressignificam normas e práticas. No caso da Primeira República, apesar das tentativas de padronização do ensino, a cultura escolar permaneceu permeável às realidades locais, adaptando-se às condições específicas de cada região.

### **Representações das Escolas Isoladas em Uberaba**

Os inspetores técnicos que fiscalizavam as escolas de Uberaba apresentavam em seus relatórios os mesmos inconvenientes ressaltados pela maioria dos inspetores que visitavam as diversas escolas primárias espalhadas pelo vasto território mineiro: a precariedade das escolas isoladas desprovidas de mobiliário, sem condições adequadas de higiene, com péssimas instalações, ausência de materiais didáticos, mobiliários, higiene. Observe-se alguns relatórios referentes às escolas isoladas de Uberaba:

Está instalada em um cômodo desgracioso e desconfortável, não adaptado ao fim a que se destina. [...] Muito me desagradou também a falta de asseio dos alunos: negligência completa na roupa, mãos sujas e unhas pretas (Secretaria do Interior, Relatório do Inspetor Ernesto Mello Brandão, 1908).

[...] No mesmo dia à tarde visitei a escola mista do Bairro das Mercês[...]Sala de aula em péssimas condições higiênicas: um cubículo estreito e escuro que é também sala de entrada [...] em 29 inspecionei a escola mista sita à rua do Comércio[...] casa escolar pertencente à professora; é uma pequena casa em ruínas e sem condições higiênicas (Secretaria do Interior, Relatório do Inspetor Ernesto Carneiro Santiago, 1910).

[...] A única coisa que achei boa nesta escola foi a escrituração dos livros. A sala de todo não presta, pequena, soalhada em parte de tijolos e em parte de tábuas, forrada de uma soleira suja e muito baixa. Péssimo mobiliário. Pequeníssimo quadro-negro. Os alunos não podem fazer exercícios de caligrafia, porque na sala não há uma mesa para remédio, como se costuma dizer (Secretaria do Interior, Relatório do Inspetor Athanasio Saltão, 1909).

Um dos aspectos que evidenciavam a renovação do ensino era a construção de um lugar específico e apropriado para a escola, pois até então, as escolas primárias funcionavam em espaços improvisados em salas comerciais alugadas ou na própria casa do professor contrariando os novos preceitos pedagógicos e higienistas. Era de fundamental importância que a escola causasse “boa impressão”, para atestar a modernidade educacional do período republicano, mas, as escolas isoladas, em sua maioria, funcionavam em “pardieiros”, casebres, sendo difícil encontrar prédios adequados para que a escola cumprisse sua missão de instaurar a civilização, a ordem e o progresso vislumbrados pelo projeto republicano. Nesse quadro, as escolas isoladas são apresentadas como instituições de ensino marcadas pela ausência de condições adequadas à evolução pedagógica pretendida.

As escolas isoladas eram criticadas também pela falta de racionalidade em sua forma de organização do ensino: os horários de entrada e saída dos alunos na escola eram flexíveis, sendo inúmeras as variações entre as diversas escolas que se organizavam de acordo com as necessidades dos alunos e professores; não havia um ano letivo no qual os saberes eram distribuídos em anos e séries, portanto não havia um tempo definido para a aprendizagem. Como essa modalidade de escola era constituída de uma única sala não havia uma “classe”, pois, os alunos de diversas idades e diferentes níveis de conhecimento aprendiam de acordo com seu próprio ritmo os saberes elementares – ler, escrever e contar. Desta forma, o professor utilizava o método individual chamando cada aluno para perto de si e dando-lhe a lição, em seguida o aluno retomava seu lugar para exercitar e memorizar a lição recebida. Tal método era criticado pela morosidade e pela perda de tempo do professor em ensinar cada aluno já que a nova pedagogia preconizava o aproveitamento racional do tempo escolar. Para os inspetores, essa falta de racionalidade do ensino ocasionava a indisciplina e o atraso dos alunos:

Ao entrar na escola, onde os alunos falavam todos ao mesmo tempo, não se ouvia senão um ruído confuso e discordante que perturbava o ouvido e o espírito. [...] A disciplina deixa muito a desejar, e por isso mesmo todos os trabalhos escolares são perturbados, trazendo como consequência

natural o pouco adiantamento dos alunos (Secretaria do Interior, Relatório do Inspetor Ernesto Mello Brandão, 1908).

[...] Os 31 alunos que se achavam presentes, além de sujos, estavam se portando mal durante minha visita no dia 28 de abril. Atraso em toda a linha. Os do 1º ano, que há dois anos freqüentam a escola, agora chegaram à 30ª lição de leitura do método Joviano. Há falta completa de cadernos de exercícios mensais e de compêndios de leitura. Alguns desses que vi nas mãos de poucos meninos estavam enebados (Secretaria do Interior, Relatório do Inspetor Athanasio Saltão, 1909).

[...] Casa com mas condições higiênicas e a clássica palmatória sobre a mesa. Nos alunos notei falta de ordem, disciplina, asseio e adiantamento insatisfatório, o que aliás é comum nas escolas onde a ascendência intelectual e moral do professor quer se impor pelo terror (Secretaria do Interior, Relatório do Inspetor Ernesto Carneiro Santiago, 1910).

Cumprindo as determinações da Secretaria do Interior, os inspetores tomavam providências para melhorar as condições das escolas isoladas de acordo com os preceitos pedagógicos e higienistas que alicerçavam os intuítos reformadores do governo: solicitavam a remessa de alguns materiais escolares; recomendavam a abolição compêndios e “métodos decorativos” e a aplicação do método intuitivo; aconselhavam a substituição dos castigos físicos pela prática dos prêmios e emulações; organizavam a classificação dos alunos por séries de acordo com nível de aprendizagem; providenciavam a transferência das escolas para melhores edifícios na localidade solicitando o apoio da Câmara Municipal, indicavam reformas e até mandavam demolir paredes para que as instalações da escola ficassem separadas da casa do professor evidenciando a importância dada ao espaço próprio para a atividade escolar o que implicava seu isolamento ou separação do espaço doméstico.

Os relatórios de inspeção evidenciam também a existência de escolas isoladas que funcionavam em boas condições e apresentavam bons resultados com os alunos, porém, mesmo assim, eram representadas como instituições arcaicas e decadentes porque afastavam-se do modelo ideal de escola primária – os grupos escolares – que se configuravam como signo do moderno, emblema da escola primária republicana (Carvalho, 2003), que possibilitaria a superação do atraso e a instauração do progresso.

### **A implantação da escola graduada em Uberaba**

O inspetor Ernesto Melo Brandão relata que a implantação dos grupos escolares era importante e necessária para “corrigir a deficiência da falta de prédios apropriados para o regular funcionamento das escolas”, (Secretaria do Interior, Relatório do Inspetor Ernesto

Mello Brandão, 1908), que afetava a maioria dos estabelecimentos de ensino primário de Uberaba e da região do Triângulo Mineiro. Para isso era preciso reunir algumas escolas isoladas em um único edifício escolar construído especialmente para esse fim: cada professor ficaria com uma classe e em cada horário seria ministrada uma matéria do ensino. Porém, o grupo escolar não seria uma simples reunião de escolas isoladas pois configurava-se como organização administrativa e pedagógica mais complexa, moderna e eficiente fundamentada na lógica de uma racionalidade que supunha uma nova organização do trabalho, dos tempos, dos espaços e dos saberes escolares.

Embora simbolizasse a modernidade pedagógica a implantação desses estabelecimentos de ensino não foi bem aceita inicialmente em Uberaba. Um dos motivos para isso era financeiro: para a construção do prédio escolar, o governo estadual contava com a participação da municipalidade, com auxílio em dinheiro ou doação do terreno, prédios e investimentos relacionados às ligações de água potável e esgoto (Regulamento da Instrução Primária e Normal do Estado de Minas Gerais, 1906, p. 17)

O inspetor Ernesto Brandão propõe a implantação do grupo escolar em Uberaba e relata a estratégia utilizada para persuadir as pessoas da localidade:

Em um jantar que ofereci às principais pessoas da cidade, com o fim de conseguir a criação do grupo escolar, fiz a exposição minuciosa do estado de instrução aqui e me aproveitei da reunião para o lançamento da idéia da criação do grupo escolar, que foi logo abraçada unanimemente. Deliberaram então a organização de comissões que se encarregavam de angariar os meios precisos para a construção do edifício, e com prazer vi as listas acusarem quase cinco mil contos de réis. Houve igualmente oferecimento de madeira e o próprio terreno, que consegui desde logo (Secretaria do Interior, Relatório do Inspetor Ernesto Mello Brandão, 1908).

O inspetor buscava convencer as autoridades locais sobre a necessidade da colaboração financeira para construção do grupo escolar argumentando que esta moderna instituição de ensino representava um “melhoramento” para a cidade denotando o progresso da localidade. O prédio deveria ser construído um lugar central e visível, “numa das principais praças da cidade” e erigido “de acordo com o modelo que o governo ofereceu” (Secretaria do Interior, Relatório do Inspetor Ernesto Mello Brandão, 1908) para promover a visibilidade do grupo escolar, demarcando a importância da escola e o lugar de destaque que ela ocupava no projeto educacional republicano.

O grupo escolar de Uberaba foi construído “no centro de uma bela praça ajardinada e no cimo de uma colina” (Secretaria do Interior, Relatório do Inspetor Ernesto Carneiro

Santiago, 1910); foi o quarto grupo criado no Triângulo Mineiro (Isobe, 2004) sendo instalado em 3 de outubro de 1909.

Embora os relatórios enfatizassem as boas condições do grupo escolar, o prédio construído logo começou a apresentar problemas, o que reclamava consertos e reparos. O inspetor Ernesto Carneiro Santiago indica a necessidade de reformas propondo aumentar a altura do muro que separava os pátios de recreio dos meninos e das meninas, obra de “caráter urgentíssimo”, para separar as seções masculinas e femininas e evitar a convivência dos sexos, por motivo de “moralidade e disciplina” (Secretaria do Interior, Relatório do Inspetor Ernesto Carneiro Santiago, 1910).

As visitas dos inspetores no grupo escolar de Uberaba eram prolongadas e, muitas vezes, duravam o mês inteiro, pois de acordo com o inspetor os professores eram “todos dedicados e assíduos, mas são muito diferentes quanto ao preparo e aptidão didática” (Secretaria do Interior, Relatório do Inspetor Ernesto Mello Brandão, 1911)

A atuação da inspetoria técnica chama a atenção para as irregularidades, corrigindo os defeitos, lecionando e vendo lecionar uma vez que, de acordo com os relatos, os docentes nem sempre seguiam os métodos e processos de ensino instituídos com a Reforma de 1906, como observa o inspetor Ernesto Carneiro Santiago:

Prestando minha assistência técnica durante um mês no instituto, assistindo cada classe durante dois dias consecutivos, auxiliando o digno diretor na implantação da boa ordem e disciplina em todos os trabalhos escolares [Referindo-se a cada classe do grupo] notei que, pela má observância do horário e não aproveitamento inteligente do tempo, não esgotou ele [o professor] o programa do dia. Dei-lhe em presença do diretor todas as instruções e para orientá-lo assumi a regência da classe no segundo dia de inspeção. Muito têm melhorado as condições dessa classe. [...] com algumas lacunas aplicava regularmente, o professor, o programa. Corrigi alguns defeitos na ministração do ensino e dei algumas aulas para guiar o professor. [...] notei muita indisciplina e desordem na classe e vi que o professor, sem dúvida competente, não aplicava nos trabalhos escolares o modo simultâneo com aproveitamento para os alunos. Lecionando e vendo lecionar, procurei corrigir os defeitos da classe [...] notei nesta aula que o programa, mal assimilado e mal aplicado, tornava todas as lições pouco proveitosas às alunas, principalmente porque os trabalhos mecânicos da decoração primavam o ensino. Chamei a atenção da docente para essas irregularidades e dei a maior parte das lições para corrigir tais defeitos. [...] Observei que o trabalho mecânico de decorar nesta classe substituía o aprendizado intuitivo, prático e racional. Corrigi tais defeitos, lecionando e vendo lecionar e dando instruções e conselhos à professora (Secretaria do Interior, Relatório do Inspetor Ernesto Carneiro Santiago, 1910).

É importante destacar ainda a presença do diretor escolar – um novo profissional do ensino primário que deveria manter “a boa ordem e a disciplina em todos os trabalhos escolares” para consolidar a nova organização do ensino primário: o tempo que a criança fica na escola precisava ser dividido racionalmente; as atividades deveriam ser variadas para não fatigar a criança e a escola se tornar atraente para a ela; o tempo do exercício escolar deveria ser organizado por um calendário para determinar o início e o término do ano letivo; os alunos deveriam ser divididos em quatro classes correspondendo o 1º, 2º, 3º e 4º anos do curso primário, de acordo com o nível de aprendizagem; o modo simultâneo deveria substituir o individual, isto é, o professor deveria ensinar a mesma coisa para todos ao mesmo tempo; o método deveria ser intuitivo em oposição aos métodos mnemônicos “antigos” e as lições decorativas; o ensino de leitura deve seguir o método analítico que visa a compreensão do texto lido contrapondo-se aos métodos mecânicos de decifração.

O inspetor Alceu de Souza Novaes publicou um artigo no jornal *Lavoura e Comércio* elogiando a nova organização da escola e ressaltando a importância das “luzes” da reforma educacional no “vasto sertão dos bandeirantes” que promoveu a renovação do ensino que se “despiria da última roupagem, pesada e feia, com que se exibia nos tempos dos castigos ridículos, da terrível palmatória, da tortura inimaginável de dezenas de páginas a se decorarem (Jornal Lavoura e Comércio, 14 de abril de 1910).

A nova organização do ensino supunha também a introdução de novos saberes na escola primária como o curso técnico ministrado pelo professor Arnold Magalhães avaliado pelo inspetor como “um moço habilíssimo, trabalhador e assíduo no cumprimento de seus deveres” (Secretaria do Interior, Relatório do Inspetor Ernesto Carneiro Santiago, 1910). Os trabalhos manuais dos alunos que frequentavam esse curso eram apresentados em exposições escolares e festas de encerramento do ano letivo, atividades que juntamente com as comemorações cívicas e desfiles tornaram-se rituais que possibilitavam a visibilidade social da escola primária republicana.

Nota-se, pois, que o processo de implantação do Grupo Escolar de Uberaba exemplifica o movimento de transformação da cultura escolar uma vez que, a introdução desse novo modelo escolar trouxe novas exigências para a formação docente, criou a função do diretor escolar e estabeleceu diretrizes para o funcionamento pedagógico, incluindo a definição de um currículo padronizado e métodos de ensino mais sistematizados. Essas mudanças foram essenciais para consolidar uma identidade escolar distinta daquela praticada nas escolas isoladas, contribuindo para a construção de uma cultura escolar que, em muitos aspectos, permanece vigente até os dias atuais.

### **Considerações finais**

Este estudo teve como objetivo analisar a organização da educação primária em Uberaba durante a Primeira República, com foco nas mudanças promovidas pela implantação dos grupos escolares. A pesquisa buscou compreender de que maneira esse modelo de ensino contribuiu para a estruturação do ensino primário na cidade, além de evidenciar os desafios e transformações decorrentes desse processo.

A análise realizada demonstra que a reforma educacional mineira de 1906 teve um papel central na redefinição da escola primária, ao instituir os grupos escolares como uma alternativa modernizadora à tradicional escola isolada. A implementação do Grupo Escolar de Uberaba, representou um avanço significativo para a organização do ensino, promovendo a divisão dos alunos por idade e nível de conhecimento, a sistematização do currículo em séries anuais e a regulamentação do tempo escolar. Essa nova configuração educacional buscava romper com práticas fragmentadas da educação imperial e consolidar um modelo de ensino estruturado e uniforme.

Contudo, a pesquisa também evidenciou que a introdução dos grupos escolares não ocorreu sem desafios. A adoção desse modelo exigiu a readequação dos espaços escolares, a ampliação do número de professores e a criação de novas funções administrativas, como a do diretor escolar. Além disso, a efetivação desse sistema esbarrou em dificuldades estruturais, como a escassez de prédios adequados e a falta de recursos pedagógicos, o que comprometeu, em certa medida, a universalização e a qualidade do ensino primário.

A pesquisa reforça que a organização dos grupos escolares na Primeira República teve um impacto duradouro na cultura escolar brasileira. Muitas das práticas estabelecidas nesse período, como a graduação do ensino em séries, a normatização da jornada escolar e a divisão do espaço escolar em salas especializadas, tornaram-se características fundamentais da estrutura educacional do país. No entanto, a permanência de desigualdades e dificuldades no acesso à educação indica que a consolidação desse modelo não foi suficiente para eliminar os entraves históricos que marcam o ensino público no Brasil.

Além disso, a análise da cultura escolar em Uberaba na Primeira República revela que sua constituição não ocorreu de maneira homogênea, mas sim como um campo de disputas e ressignificações. Esse aspecto demonstra que, apesar da padronização imposta pelos grupos escolares, práticas locais e adaptações continuaram a moldar a identidade da escola primária, processo que se mantém até os dias atuais. Assim, mesmo com as tentativas de uniformização da educação, a escola permaneceu um espaço dinâmico, onde diferentes

agentes – professores, alunos, famílias e gestores – negociavam e ressignificavam as normas e práticas estabelecidas.

Dessa maneira, ao analisar a organização da educação primária em Uberaba percebe-se que esse processo não se limitou à adoção de um novo modelo institucional, mas envolveu a reconfiguração de saberes, práticas e relações sociais dentro do ambiente escolar. Esse olhar histórico sobre a cultura escolar permite compreender não apenas os impactos das reformas educacionais do período, mas também as permanências e transformações que moldam a educação até os dias atuais.

### Referências

- CARVALHO, M. M. C. de. **A escola e a República e outros ensaios**, Bragança Paulista (SP): Edusf, 2003.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Pedagogia moderna, pedagogia da escola nova e modelo escolar paulista. In: CARVALHO, Marta Maria Chagas de; PINTASSILGO Joaquim (orgs.). **Modelos culturais, saberes pedagógicos, instituições educacionais**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2011, p. 185-212.
- FARIA FILHO, L. M. et al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.1, p. 139-159, jan./abr. 2004.
- ISOBE, R. M. R. **Moldando as Práticas Escolares**: Um estudo sobre os Relatórios da Inspeção Técnica do Ensino do Triângulo Mineiro (1906-1911) Dissertação de Mestrado em Educação – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2004.
- ISOBE, Rogéria Moreira Rezende. **Educação e civilização no sertão**: práticas de constituição do modelo escolar no triângulo mineiro (1906-1920). São Paulo: PUCSP, 2008. 217f. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Educação
- JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001.
- MAGALHÃES, J. (2001). A cultura escolar como representação: a escola e a construção de uma tradição e de uma simbologia pátrias. In: Justino Magalhães. **História da educação** (brochura). Lisboa, p.116-128.
- SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: UNESP, 1998.

### Fontes:

- Jornal *Lavoura e Comércio*. Uberaba, quinta-feira, 14 de abril de 1910.
- Regulamento da Instrução Primária e Normal do Estado de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 1906. Arquivo Público Mineiro
- Secretaria do Interior. Relatório do Inspetor Ernesto Mello Brandão. Uberaba, 1908. Arquivo Público Mineiro
- Secretaria do Interior. Relatório do Inspetor Athanasio Saltão. Uberaba, 1909. Arquivo Público Mineiro
- Secretaria do Interior. Relatório do Inspetor Ernesto Carneiro Santiago. Uberaba, 1910. Arquivo Público Mineiro
- Secretaria do Interior. Relatório do Inspetor Ernesto Mello Brandão. Uberaba. 1911. Arquivo Público Mineiro